

DETERMINANTES SOCIOECONÔMICOS DA COABITAÇÃO FAMILIAR DOS JOVENS E DA FORMAÇÃO DE NOVOS DOMICÍLIOS NO BRASIL URBANO

Maria da Piedade Morais

Técnica de planejamento e pesquisa da Diretoria de Estudos e Políticas Regionais, Urbanas e Ambientais (Dirur) do Ipea.

E-mail: <piiedade@ipea.gov.br>.

Paulo Augusto Rego

Analista de comércio exterior do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC) e ex-bolsista do Programa de Pesquisa para o Desenvolvimento Nacional (PNPD) do Ipea. *E-mail:* <paulo.rego@mdic.gov.br>.

São várias as decisões que os jovens precisam tomar em sua transição para a vida adulta; tema ainda relativamente pouco estudado no Brasil. São decisões sobre continuar ou não os estudos, escolha da carreira profissional, constituição de uma nova família, formação de um novo domicílio, entre outras que ocorrem simultaneamente e, por isso, não podem ser analisadas individualmente.

Assim, o objetivo deste trabalho é compreender os principais determinantes socioeconômicos da coabitação familiar e da formação de novos domicílios nas áreas urbanas brasileiras por parte de jovens adultos. Metodologicamente, o estudo adapta os modelos de De Vos (1989) e Granado e Castillo (2002) para o caso brasileiro, utilizando os microdados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) de 2009, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2009). O trabalho pretende ainda verificar em que medida a coabitação familiar e a constituição de novos domicílios no Brasil estão relacionados com as condições vigentes no mercado imobiliário, com vistas a subsidiar a elaboração de políticas habitacionais mais adequadas às necessidades da população jovem.

De acordo com dados das Pnads, a vontade de formar um domicílio independente é maior entre os chefes das famílias secundárias com idades entre 21 e 30 anos, os quais apontam a falta de recursos financeiros como o principal empecilho para sair da casa dos pais. Entre 1999 e 2009, aumentou o número de jovens dependentes no Brasil, especialmente em áreas urbanas. Embora, à medida que os jovens envelhecem, seja maior a probabilidade de buscarem sua independência domiciliar, as taxas mais elevadas de crescimento dos jovens dependentes nas faixas etárias superiores

indicam que os jovens brasileiros – a exemplo do que tem acontecido em outros países – estão postergando cada vez mais o momento da saída da casa dos pais.

A literatura internacional aponta maior dependência residencial dos jovens latinos em relação aos da Europa do Norte e dos Estados Unidos. As mulheres saem mais cedo de casa, sobretudo para casar. A idade com que os jovens decidem sair da casa dos pais eleva-se à medida que estes passam mais tempo na escola. Contudo, isso não significa que a educação evita a emancipação domiciliar, pois os jovens mais “capacitados” têm maiores probabilidades de sair de casa quando “jovens”, inclusive em busca de mais educação. Quanto maior o nível educacional dos pais, maior a chance de o jovem sair de casa para continuar seus estudos.

A participação do jovem no mercado de trabalho enquanto ainda mora com os pais é uma etapa do ciclo de vida que precede sua independência. Assim, a decrescente oportunidade de emprego para os jovens diminuiu as suas chances de ser independentes. Os homens são mais propensos a sair de casa em anos de forte crescimento econômico. Ou seja, os jovens apresentam uma “percepção de pobreza” ao decidir quando sair de casa. Isso ocorre, sobretudo, entre as famílias pobres, que recorrem à extensão do domicílio para superar as dificuldades financeiras. As condições do mercado habitacional também são importantes para explicar a formação de novos domicílios: um aumento nos aluguéis e nos preços das moradias desencoraja a saída da casa dos pais.

Nosso estudo para o Brasil confirma os resultados internacionais. O fato de o jovem ser casado

é o fator que mais impacta na sua probabilidade de ser independente. À medida que envelhecem, os jovens são mais propensos a sair de casa. Porém, a partir de certa idade, ocorre o oposto, o que mostra falta de alternativas ou assistência aos pais idosos. As mulheres e os afrodescendentes saem mais cedo de casa. Quanto maior o nível educacional do jovem, maior a probabilidade de continuar morando com os pais, pois a família dá suporte à obtenção de mais educação. Os jovens empregados apresentam maior propensão para formar um novo domicílio. Jovens residentes em cidades grandes têm maior probabilidade de serem dependentes, o que reflete um mercado habitacional mais caro. Os aluguéis formais são a principal escolha dos jovens independentes. Esses resultados mostram o alto impacto do mercado habitacional na formação de novos domicílios. Dessa forma, evidenciam que a elevação recente nos preços dos imóveis aumentou o *deficit* habitacional por ônus excessivo com aluguel e coabitação e diminuiu as oportunidades de os jovens se tornarem independentes. Em suma, os estudos mostram que a população jovem necessita de oferta habitacional variada, com moradias baratas e bem localizadas, que lhe confirmem flexibilidade para mudar em busca de emprego ou de educação. Assim, a compra da casa própria pode não ser a melhor alternativa habitacional para os jovens brasileiros, sendo necessário fortalecer o mercado de aluguéis, aumentar as moradias estudantis, ou até mesmo criar programas habitacionais específicos para essa faixa etária.

REFERÊNCIAS

DE VOS, S. Leaving the parental home: patterns in six Latin American countries. **Journal of Marriage and the Family**, v. 51, n. 3, p. 615-626, Aug. 1989.

GRANADO, M. M.; CASTILLO, J. R. The decisions of Spanish youth: a cross-section study. **Journal of Population Economics**, v. 15, n. 2, p. 305-330, May 2002.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Pnad 2009**. Microdados. Rio de Janeiro: IBGE, 2009.

SUMÁRIO EXECUTIVO